

A pesquisa interroga o ato de desenhar para lançar um olhar à educação das crianças que permita ultrapassar os limites da psicologia do desenvolvimento, cujo objeto de estudo foca o produto e não o processo que ocorre no ato de desenhar. A interlocução entre as fenomenologias do corpo operante em Merleau-Ponty e da imaginação poética em Bachelard permite compreender a inseparabilidade entre corpo, imagem e palavra, entre narrar o mundo através do desenho e habitá-lo pelos devaneios da mão. Enquanto em Merleau-Ponty (1990) o desenho da criança é a primeira maneira de estruturar as coisas, isto é, através do ato de desenhar a criança narra sua percepção das coisas no e com o mundo, em Bachelard (2006) o devaneio operante emerge como abertura às linguagens ao afirmar que a imaginação é capaz de nos fazer engendrar aquilo que podemos ver porque nos faz crer no que vemos. Só podemos ver bem se sonhamos o que vemos. É através do devaneio que a criança habita o mundo e, para torná-lo seu, pode miniaturizá-lo pelo desenho. Focillon (2001) contribui para compreender a relação entre corpo e traço ao afirmar que a mão cria e pensa ao encaminhar o corpo para o espetáculo de tornar visível algo. A metodologia busca despir-se de pré-conceitos em relação ao desenho para perseguir o ponto de vista das crianças a partir da reivindicação de Corsaro (1997, 2003) pela presença de um “adulto atípico”, aquele que não tenta corrigir ou controlar seu comportamento. Como resultado parcial, o estudo aponta para a relevância de pensar a ação narrativa através do ato de desenhar enquanto ação sensível de tornar o mundo inteligível para si e para os outros. Aqui, o desenho não é liberação de emoções, mas um sair de si para voltar transformado. Na ação temporal de desenhar a criança não fornece informações das coisas que vê, mas presta testemunho de sua relação no e com o mundo.